

QUATRO SÉCULOS DE SILÊNCIO: AS PINTURAS PARIETAIS DA CAPELA DE SÃO MIGUEL PAULISTA

Thais Cristina Montanari¹

Localizada em uma antiga rede de aldeias,² a Capela de São Miguel Paulista se estabelece como a única remanescente do século XVII ao progresso da cidade de São Paulo, sendo portanto um marco da colonização e evangelização no antigo aldeamento jesuítico de São Miguel. A capela — também popularmente conhecida como “Capela dos índios” pela comunidade local — resguarda ainda hoje a sua originalidade e seu valor histórico e artístico, tornando-se, não por acaso, um dos primeiros bens inscritos no livro do tomo do IPHAN. O aldeamento foi estabelecido na região da Vila de São Paulo de Piratininga por volta de 1560 pelo Padre José de Anchieta,³ e, de acordo com Sérgio Buarque de Holanda, a capela da época da fundação da aldeia foi demolida devido à precariedade de sua construção, dando lugar ao pequeno templo ainda hoje existente,⁴ datado de 1622, como está inscrito na verga da porta de entrada. Atribui-se a reconstrução da Capela de São Miguel ao carpinteiro e bandeirante espanhol Fernão Munhoz e ao padre João Álvares como orientador da construção executada pelos indígenas.

Com o afastamento dos jesuítas da Capitania de São Vicente em 1640 devido a conflitos de interesses entre a Companhia de Jesus, a Coroa e os colonos, a Câmara assumiu a administração da Aldeia de São Miguel, e em 1698 a assistência religiosa foi assumida pelos franciscanos.⁵ Por volta de 1780,⁶ Frei Mariano da Conceição Veloso (1742-1811) teria promovido a primeira e expressiva reforma na Capela de São Miguel, recebendo um acréscimo de 2,5 metros de adobe, elevando a estrutura de taipa de pilão do pé direito da nave central, abrindo duas janelas acima do telhado fronteiro, e arruando a Aldeia. Além disso, foi realizada a construção dos altares laterais, o escoramento interno de madeira, e foram inseridos elementos decorativos em dourado para o altar principal da sacristia e para a capela lateral.

A Capela de São Miguel passou por diversas obras de reparo ao longo dos séculos, sendo que temos — em parte — documentada somente a obra de “Restituição”⁷ realizada por Ismael Bresser e Affonso

¹ Bolsista Capes. Mestranda em História da Arte do Programa de Pós-graduação em História do IFCH/Unicamp.

² O sistema de aldeamentos baseava-se em um regime de tutoria, colocando os índios sob a proteção dos jesuítas. Confiaram-se quatro Aldeias aos jesuítas em São Paulo: São Miguel, Pinheiros, Barueri e Guarulhos. Cf. LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil* (1938). Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. 10 v. pp.227-230.; Cf. PETRONE, Pasquale. *Aldeamentos paulistas*. São Paulo, SP: EDUSP, 1995.

³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Capelas antigas de São Paulo”. In: *Revista do Serviço de Patrimônio Histórico Nacional, Rio de Janeiro*, v. 5, 1941. p. 105.

⁴ *Ibid.* p.107.

⁵ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2000. Vol. 1. p. 230.

⁶ ROWER, Frei Basílio. *Páginas de História Franciscana no Brasil*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 1957. p. 512.

⁷ De acordo com documentação do Arquivo do IPHAN/SP, esta obra chamada de “Reconstituição” consistiu na realização de trabalhos estruturais no telhado e taipas, calçada para despejo de água pluvial, ladrilhos no interior da igreja, e reforma do forro.

Taunay entre 1926-1927, portanto anterior ao advento do SPHAN e seu registro de tombamento. O primeiro restauro da Capela de São Miguel, realizado entre os anos de 1939 e 1941 sob a coordenação do engenheiro-arquiteto Luís Saia, buscou reconstituir minuciosamente as características primitivas da capela,⁸ que se encontrava em péssimo estado de preservação e descaracterizada pelas intervenções ocorridas nos dois séculos anteriores.

Recentemente, em 2006, novos restauros foram realizados na Capela de São Miguel, promovidos pela Diocese de São Miguel Paulista e pela Associação Cultural Beato José de Anchieta (ACBJA). Foram realizadas prospecções arqueológicas precedentes ao início do restauro, traçando o perfil histórico-arqueológico da Capela e seu entorno. Este trabalho foi importante para nortear os profissionais envolvidos, orientando o processo e evitando possíveis acidentes que pudessem comprometer a integridade do patrimônio. Este último trabalho foi de grande importância pelos dados materiais encontrados que atestam a antiguidade e o valor da edificação, além de produzir importantíssima documentação para o estudo de seu passado físico e histórico, e também por revelar diversos elementos artísticos e ornamentais que por muitos séculos haviam permanecido escondidos, como as pinturas parietais encontradas na nave principal embaixo dos altares laterais em madeira do período franciscano, além de vestígios de policromia por toda a igreja, levantando a hipótese de que a Capela deve ter sido inteiramente pintada no período colonial.

As pinturas parietais, provavelmente as únicas remanescentes que chegaram aos nossos dias, se estabelecem como registro singular da arte jesuítica e colonial paulista. Trata-se de uma tentativa de reprodução pintada de um altar de talha, recorrente nas obras do barroco português. De acordo com o historiador da arte Percival Tirapeli, não existem muitas pinturas murais no Brasil, e nem nas Missões do Paraguai e Argentina,⁹ além disso, o uso da taipa como suporte para estas pinturas, os motivos celestes do sol, lua e estrelas, e as cores vermelho, preto e branco conferem sua peculiaridade, e suscitam diversas hipóteses levantadas por historiadores da arte e antropólogos.

O termo “estilo jesuítico” perdura desde o século XIX até o século XXI sendo sempre questionado e debatido, reaparecendo constantemente também como “estilo da Contra-Reforma”, ou “Espírito Jesuítico” como se refere o arquiteto Lúcio Costa¹⁰ em seu importante artigo *A arquitetura jesuítica no Brasil* publicado na Revista do SPHAN em 1941, no qual evidencia suas ideias em relação ao termo “estilo jesuítico” no contexto brasileiro, afirmando que tal expressão designava “as composições mais renascentistas, mais moderadas, regulares e frias, ainda imbuídas do espírito severo da Contra-Reforma”.¹¹

⁸ Sobre os primeiros trabalhos de restauro realizados pela equipe do SPHAN em São Paulo, Cf. GONÇALVES, Cristiane Souza. *Restauração Arquitetônica: a experiência do SPHAN em São Paulo, 1937- 1975*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

⁹ TIRAPELI, Percival. “Pinturas Jesuíticas em São Miguel Paulista”. In: TIRAPELI, Percival (Org.). *Patrimônio Sacro na América Latina. Arquitetura / Arte / Cultura*. São Paulo: Arte Integrada, 2015. p. 327.

¹⁰ COSTA, Lúcio. “A arquitetura jesuítica no Brasil”. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: MES, v. 5, 1941, pp. 09-104.

¹¹ COSTA, Lúcio. *Ibid.*, p. 11.

Tal termo suscitaria impreterivelmente “a existência de uma maneira específica dos jesuítas de pintar, esculpir, e especialmente, construir”.¹² De acordo com John Bury, a expressão “estilo jesuítico” descreveria toda uma fase da arquitetura e decoração do primeiro período colonial, abarcando também obras sem conexão direta com os próprios jesuítas, uma vez que estes constituíam o canal de transmissão mais influente da cultura europeia para a América portuguesa.¹³ Acrescentam-se a esse quadro, as ideias de Gauvin Alexander Bailey, que afirma que a primeira definição de “estilo jesuítico” encontrada,¹⁴ fazia referência ao “uso excessivo pelos jesuítas de ornamentação e ilusão para manipular as massas”,¹⁵ destacando a importância das artes na evangelização. No entanto, de acordo com a pesquisadora Renata Martins, a má interpretação do termo *Noster Modus Procedendi*¹⁶ teria suscitado a eclosão do termo “estilo jesuítico”, levando a análises equivocadas.

Assim, a historiografia mais recente concorda que, na realidade um verdadeiro “estilo jesuítico” estaria mais pautado na tendência à adaptação dos jesuítas à situação local, em detrimento de uma imposição estilística romana. Desse modo, passa-se, enfim, a considerar uma “Estratégia Jesuítica” nas artes das Missões nas quais as edificações tomariam forma de acordo com os diversos fatores com os quais os jesuítas se deparassem, tais como os recursos naturais e materiais, o contexto sócio-cultural e econômico local, além do local de procedência dos jesuítas, o grau de circulação das obras e dos artistas, etc. As diversas adaptações empreendidas pelos jesuítas evidenciaria, portanto, a flexibilidade da Ordem nas construções e no fazer artístico das Missões.

Sabe-se que à época da reconstrução da Capela, na aldeia de São Miguel, contava-se com a presença de índios Carijós ou Guaranis, transferidos da aldeia de Itaquaquecetuba,¹⁷ além dos Guaranis provenientes dos ataques das bandeiras paulistas às missões jesuíticas espanholas das províncias do Guairá, Tape e Itatim, passando a compor a maior parte da população indígena da vila de São Paulo.¹⁸ Além disso, segundo a antropóloga e pesquisadora Glória Kok, este processo “deixou suas marcas na formação de uma

¹² BAILEY, Gauvin Alexander Apud MARTINS, Renata Maria de Almeida. “Tintas da Terra, Tintas do Reino...”, Op. cit., 2009, p. 41.

¹³ BURY, John. “A Arquitetura Jesuítica no Brasil” In: OLIVEIRA, Miriam Ribeiro de (Org.). *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial: John Bury*. Brasília, DF: IPHAN / Monumenta, 2006. p. 64.

¹⁴ Encontrada em um enciclopédia alemã teria sido escrita em 1845 por Jacob Burckhardt em sua juventude. Cf. MARTINS, Renata Maria de Almeida. “Tintas da Terra, Tintas do Reino...”, Op. cit., 2009, p. 44.

¹⁵ BAILEY, Gauvin Alexander Apud MARTINS, Renata Maria de Almeida. Ibidem.

¹⁶ “Do léxico dos jesuítas, ‘Nossa Maneira de Proceder’. De acordo com Bailey, este termo foi ‘utilizado nas missões para fazer referência a estruturas que empregassem formas e técnicas autóctones. (...)’”. MARTINS, Renata Maria de Almeida. “Tintas da Terra, Tintas do Reino...”, 2009, p. 48.

¹⁷ Cf. PETRONE, Pasquale. Op. cit., 1995. p. 143; MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo: seguidos da Cronologia dos acontecimentos mais notáveis desde a fundação da Capitania de São Vicente até o ano de 1876*. Belo Horizonte, MG; São Paulo, SP: Editora Itatiaia: Editora da USP, 1980. 2v. p. 237; HOLANDA, Sérgio B. Op. cit., 1941. p. 107; KOK, Glória. “Índios de ofícios e índios ‘encapelados’ da Capitania de S. Vicente no século XVII”. In: FERNANDES, Eunícia (Org.). *A Companhia de Jesus e os Índios*. Curitiba: Editora Prismas, 2016, p.272

¹⁸ Segundo estimativa do jesuíta Ruiz de Montoya, entre os anos de 1628 e 1641 um contingente de 33.000 a 55.000 índios foi capturado nestes ataques. Cf. MONTEIRO, John, 1994 p. 74.

cultura ibero-americana nas capelas de São Paulo durante o século XVII”,¹⁹ através da mistura étnica e de trocas culturais. Sabe-se também que nas aldeias jesuíticas, os índios eram empregados como construtores,²⁰ sobretudo das capelas, sendo também os responsáveis pela conservação e melhoria destas, havendo exceção somente em relação aos projetos,²¹ uma vez que desde o século XVI, estes deveriam teoricamente passar pela aprovação da Ordem dos jesuítas em Roma.²² Os indígenas também teriam sido empregados como artífices, sobretudo de carpintaria,²³ dado que a Companhia de Jesus era a responsável pela transmissão de ofícios diversos aos indígenas através de suas oficinas. Isto posto, de acordo com Glória Kok, em relação às pinturas parietais de São Miguel, “os motivos e as cores sugerem padrões indígenas”,²⁴ apesar dos artífices (indígenas) terem sido orientados pelos jesuítas através de modelos europeus.

Tais motivos celestes, além de estarem associados à cosmologia indígena, também foram bastante explorados pela chamada tradição emblemática, presente nas bibliotecas e nas decorações das Missões da Companhia de Jesus na América, como afirma Renata Martins.²⁵ Assim, além de comumente presentes nas artes das Missões da América Espanhola e na talha portuguesa, esta iconografia celeste também seria utilizada pelos jesuítas para a fixação de temas cristãos,²⁶ como apontam os estudos mais recentes²⁷ em relação ao encontro entre as culturas europeia e ameríndia resultando em uma produção singular por meio da adaptação dos jesuítas para a evangelização, construção e ornamentação de seus templos religiosos, dependendo dos diversos fatores com os quais se deparassem, e de acordo com contexto local.

Ademais, a partir dos estudos e documentações realizados durante o último restauro na Capela de São Miguel para a consolidação das pinturas encontradas, podemos extrair diversos dados importantes, entre eles, sobre a composição mineral e vegetal dos pigmentos utilizados, e a sua datação. Não sendo possível a realização do exame de datação por carbono 14 — o único método seguro para este tipo de material²⁸ —, observou-se que as pinturas, assim como o seu suporte, ocorrem somente até à altura da taipa, sendo

¹⁹ KOK, Glória. “A presença indígena nas capelas da Capitania de São Vicente (Século XVII)”. In: Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 45- 73, out. 2011. p. 51.

²⁰ Cf. AMARAL, Aracy. *A Hispanidade em São Paulo: da casa rural à Capela de Santo Antônio*. São Paulo: Nobel/ Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981. p. 49.

²¹ “Uma vez levantada a igreja a conservação e melhoria, desde que não dissesse respeito à planta, seguia a cargo dos índios” PLÁ, Josefina Apud. AMARAL, Aracy. Ibid. p. 74.

²² Cf. MARTINS, Renata Maria de Almeida. “Tintas da Terra, Tintas do Reino...”, Op. cit., 2009.

²³ Cf. KOK, Glória. “Índios de ofícios e índios ‘encapelados’ da Capitania de S. Vicente no século XVII”. In: FERNANDES, Eunícia (Org.). *A Companhia de Jesus e os Índios*. Curitiba: Editora Prismas, 2016, p.272

²⁴ KOK, Glória, Op. cit. 2011, p. 54.

²⁵ MARTINS, Renata. “La Compagnia sia come un cielo: o sol, a lua e as estrelas dos livros de emblemas para a decoração das igrejas das missões jesuíticas na América Portuguesa, séculos XVII-XVIII”. In: *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas. Anuario de Historia de América Latina*. Colônia, Weimar, Viena: Bohlau Verlag, 2013, pp. 81-102.

²⁶ Idem. “Veredas de Luz. A imagem do sol, da lua e das estrelas e a arte dos emblemas nas Missões Jesuíticas, da Amazônia à Argentina”. IN: MELLO, Magno (Org.), Belo Horizonte, Ed. UFMG (no prelo).

²⁷ Cf. BAILEY, Gauvin Alexander. *Art of Colonial Latin America*. Londres: Phaidon, 2005. e BAILEY, Gauvin Alexander. *Art on the Jesuit Missions in Asia and Latin America*. Toronto; Buffalo: University of Toronto Press, 2001.

²⁸ O exame conhecido como “datação por carbono 14” ou “datação por radiocarbono” só oferece resultados seguros para amostras a partir de 500 anos.

inexistentes em todo o trecho superior em alvenaria de tijolos e adobe de barro.²⁹ Assim, temos portanto uma forte evidência de que as pinturas sejam anteriores ao alteamento da nave realizada pelos Franciscanos por volta de 1780. A utilização das cores branco, preto e vermelho, pigmentos respectivamente derivados do cal, carvão e ferro, e frequentemente utilizados na cerâmica indígena, corroboram com a hipótese das pinturas como “expressão da recriação das tradições culturais ameríndias”³⁰ levantada por Kok, assim como a presença tanto de imagens importadas de Portugal, quanto de imagens produzidas na própria aldeia pelos indígenas, evidenciando as trocas culturais entre jesuítas e indígenas.

A questão da visibilidade permanente das pinturas permanece pendente há mais de sete décadas. De acordo com Tirapeli, na ocasião da primeira reforma realizada pelo SPHAN na Capela de São Miguel em 1939-1940, Luís Saia teria encontrado parte das pinturas e mandado fotografá-las. No entanto, nem Saia e nem o SPHAN as teriam divulgado por não ter havido consenso em relação à sua visibilidade permanente.³¹ Tal consenso perdura inconcluso até os dias de hoje. Durante o último restauro, foi realizado o I Encontro Arte e Patrimônio em São Miguel Paulista, reunindo diversos historiadores da arte, arquitetos, especialistas, e a comunidade local. Ao longo de Encontro, questionou-se e debateu-se sobre o que deveria ser exposto: a pintura mural, o altar, ou ambos, considerando-se uma possível mudança do espaço litúrgico se transformado em espaço de exposição. Concluiu-se que as pinturas e os altares pontuam dois momentos na história da Capela: o jesuítico, representado pelas pinturas, altar-mór e demais complementos mais antigos, e a franciscana, representada pelos retábulos e pela espacialidade atual da capela. Foram apresentadas diversas soluções possíveis pelos técnicos do restauro, porém o IPHAN não acatou nenhuma proposta, fechando as pinturas e reposicionando os altares franciscanos.

Além das pinturas parietais, a Capela de São Miguel preserva outros elementos artísticos e arquitetônicos do período jesuítico, entre os quais destacamos: as imagens; a pia batismal; o armário e o altar da sacristia; o altar da capela lateral; o alpendre em “L” — seu elemento mais reconhecido e discutido³² —, além das pinturas do forro³³ e da grade de comunhão em jacarandá, apresentando em destaque duas figuras cariátides talhadas nas extremidades da banca que teriam sido feitas pelos índios guaianases. Essas figuras talhadas revelam, de acordo com Glória Kok, o domínio da técnica indígena,³⁴ recebendo também a

²⁹ “Proposta Técnica De Conservação e Restauro - Pinturas Murais Da Capela De São Miguel Arcanjo”. 2011., p.2.

Documentação gentilmente concedida por Julio Moraes e equipe.

³⁰ KOK, Glória. Ibid. 2011. p. 54.

³¹ TIRAPELI, Percival. Op. cit., 2015, p. 329.

³² Cf. SAIA, Luís. “O Alpendre nas Capelas Brasileiras”. In: CAMPOFIORITO, Ítalo (Org.). Revista do Patrimônio. 60 anos: a Revista. Rio de Janeiro: IPHAN, 1997, pp. 60-71.

³³ De acordo com Glória Kok, as pinturas do forro apresentam motivos similares aos das capelas de Carapicuíba e de São Roque, os quais derivariam de “brutescos”, inspirados em modelos da América Espanhola e da Península Ibérica como afirma Aracy Amaral em obra já citada. Cf. KOK, Glória. Op. cit. 2011, p. 53.; e Cf. AMARAL, Aracy. Op. cit. 1981, p. 82. Sobre a pintura de “brutescos”, ver SERRÃO, Vitor. *A Pintura Protobarroca em Portugal, 1612-1657. O Triunfo do Naturalismo e do Tenebrismo*. Lisboa: Edições Colibri, 2000, pp. 356-367.

³⁴ KOK, Glória. Ibid. p. 55.

atenção de Lúcio Costa, em seu artigo *A arquitetura jesuítica no Brasil* no qual afirma esta ser “das mais antigas e autênticas expressões conhecidas da ‘arte brasileira’”.³⁵

São muitos os silêncios em torno da Capela de São Miguel Paulista, seja em relação às pinturas parietais enquanto objeto escondido durante séculos e omitidos pelo IPHAN em expô-las permanentemente, seja em relação aos seus prováveis artífices indígenas, ou seja também pelo silêncio acadêmico sobre a contribuição indígena na cultura colonial, no qual historiadores da arte e antropólogos são em parte os culpados, devido à tendência destes a preferir estudar culturas “puras” e supostamente intocadas pelas complexas mudanças forjadas pelo contato com o outro, como aponta Alexander Bailey em seu trabalho sobre arte colonial na América Latina.³⁶ A estes silêncios, soma-se ainda a dificuldade em relação a ausência de documentação precisa a respeito da construção e ornamentação da Capela de São Miguel e suas intervenções ao longo dos séculos, sendo esta uma dificuldade posta para seu estudo desde a época de seu tombamento pelo SPHAN.

As pinturas recentemente descobertas na Capela de São Miguel reforçam ainda mais o valor histórico e artístico desta edificação de um tipo de arquitetura quase desaparecida, e se estabelecem como registro singular da arte jesuítica colonial. Os motivos celestes e as cores atestam sua peculiaridade, assim como a mão-de-obra indígena — muito provavelmente — utilizada tanto na construção quanto na ornamentação da Capela de São Miguel, conferindo a esta edificação sua autenticidade enquanto expressão de uma cultura e arte genuinamente brasileira. Devido a heterogeneidade das manifestações artísticas e diversidade das fundações jesuíticas, ao se estudar as artes das Missões, “a contribuição do outro”, mais especificamente, a “contribuição do indígena” é um ponto chave polêmico e de difícil abordagem.

Apesar de termos excelentes trabalhos de competentes estudiosos que precisam ser reconhecidos, grande parte destas pesquisas — sobretudo as pioneiras — se pautam em aspectos formais e estilísticos nas análises das obras, muitas vezes desconsiderando as características locais e a pluralidade cultural. Para compreender a arte produzida no contexto das Missões, é preciso adotar uma perspectiva mais “global”, dada a grande dispersão geográfica dos jesuítas. Já em relação à arquitetura e à arte colonial em São Paulo, os estudos são ainda mais escassos, sobretudo em relação à mão-de-obra indígena nas construções e nas artes do período, deixando importantes lacunas abertas, que precisam ser mais profundamente estudadas e analisadas, como tem sido realizado nas Missões da América Espanhola.³⁷ Assim, a partir de estudos que analisem a questão em sua complexidade, poderemos compreender as relações entre jesuítas e indígenas, arte europeia e arte ameríndia, e os fazeres artísticos na Capela de São Miguel Arcanjo na Vila de São Paulo de Piratininga.

³⁵ COSTA, Lúcio. “A arquitetura jesuítica no Brasil”. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: MES, v. 5, 1941, pp. 09-104. p. 63.

³⁶ BAILEY, Gauvin Alexander. “Eyeing the Other The Indigenous Response” In: *Art of Colonial Latin America*. Londres: Phaidon, 2005. p. 72.

³⁷ Como os estudos realizados por Darko Sustersic, Gauvin Alexander Bailey, Ramón Gutierrez, entre outros.

Bibliografia

AMARAL, Aracy. *A Hispanidade em São Paulo: da casa rural à Capela de Santo Antônio*. São Paulo: Nobel/ Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981.

ARROYO, Leonardo. *Igrejas de São Paulo: introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Comp. Ed. Nacional, 1966.

BAILEY, Gauvin Alexander. “Le style jésuit n’existe pas: Jesuit Corporate Culture and the Visual Arts”. In: O’MALLEY, John W. S.J.; BAILEY, Alexander G.; HARRIS, Steven J.; KENNEDY, Frank S.J. (Org.). *The Jesuits: Cultures, Sciences, and the Arts: 1540- 1773*. Toronto: University of Toronto Press, 2000, pp. 38-89.

_____. “The New Plant of the Primitive Church’: The Jesuit Reductions among the Guaraní in Paraguay, 1609- 1768.” In: *Art on on the Jesuit Missions in Asia and Latin America*. Toronto; Buffalo: University of Toronto Press, 2001.

_____. “Eyeing the Other The Indigenous Response” In: *Art of Colonial Latin America*. Londres: Phaidon, 2005.

BOMTEMPI, Silvio. *O bairro de São Miguel Paulista: a aldeia de São Miguel de Ururai na historia de São Paulo*. São Paulo, SP: Secretaria de Educação e Cultura, 1970.

BURY, John. *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. São Paulo: Nobel, 1991.

COSTA, Lúcio. “A arquitetura jesuítica no Brasil”. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: MES, v. 5, 1941, pp. 09-104.

GONÇALVES, Cristiane Souza. *Restauração Arquitetônica: a experiência do SPHAN em São Paulo, 1937-1975*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Capelas antigas de São Paulo”. In: *Revista do Serviço de Patrimônio Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 5, pp. 105-120, 1941.

KOK, Glória. A presença indígena nas capelas da Capitania de São Vicente (Século XVII). *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 45- 73, out. 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/19732/13847>. Acesso em: 08 mai. 2017.

_____. “Índios de ofícios e índios ‘encapelados’ da Capitania de S. Vicente no século XVII”. In: FERNANDES, Eunícia (Org.). *A Companhia de Jesus e os Índios*. Curitiba: Editora Prismas, 2016, pp. 216-231.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil (1938)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. 10 v.

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo: seguidos da Cronologia dos acontecimentos mais notáveis desde a fundação da Capitania de São Vicente até o ano de 1876*. Belo Horizonte, MG; São Paulo, SP: Editora Itatiaia: Editora da USP, 1980. 2v.

MARTINS, Renata Maria da Almeida. “Veredas de Luz. A imagem do sol, da lua e das estrelas e a arte dos emblemas nas Missões Jesuíticas, da Amazônia à Argentina”. IN: MELLO, Magno (Org.), Belo Horizonte, Ed. UFMG (no prelo).

_____. “Além do Olhar: as fontes para a apropriação das técnicas e dos materiais das culturas indígenas nas artes da Amazônia Colonial (séculos XVII e XVIII)”. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize. *Objetos do Olhar: História e Arte*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2014, pp. 139-154.

_____. “*La Compagnia sia come un cielo: o sol, a lua e as estrelas dos livros de emblemas para a decoração das igrejas das missões jesuíticas na América Portuguesa*”. In: DUVE, Thomas; HENSEL, Silke; MUCKE, Ulrich; PIEPER, Renate; POTTHAST, Barbara (Ed.). *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas / Anuario de Historia de América Latina*, vol. 50. Colônia / Weimar / Viena: Bohlau Verlag, 2013, pp. 81-102.

_____. “Tintas da Terra, Tintas do Reino: Arquitetura e Arte nas missões jesuíticas do Grão-Pará, 1653–1759”. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, outubro de 2009 [tese de doutorado. Orientador: Prof. Dr. Luciano Migliaccio].

MONTEIRO, John Manuel. “Os Guarani e a História do Brasil Meridional Séculos XVI-XVII”. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo, SP: FAPESP: Companhia das Letras, 1992, pp. 475-498.

_____. *Negros da terra. índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

MORAES, Júlio. “O Restauro nos monumentos sacros paulistas”. In: TIRAPELI, Percival (Org.). *Patrimônio Sacro na América Latina. Arquitetura / Arte / Cultura*. São Paulo: Arte Integrada, 2015, pp. 317-324.

PETRONE, Pasquale. *Aldeamentos paulistas*. São Paulo, SP: EDUSP, 1995. 396p.

ROWËR, Frei Basílio. *Páginas de História Franciscana no Brasil*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ. 1957.

TIRAPELI, Percival. “Pinturas Jesuíticas em São Miguel Paulista”. In: TIRAPELI, Percival (Org.). *Patrimônio Sacro na América Latina. Arquitetura / Arte / Cultura*. São Paulo: Arte Integrada, 2015, pp. 325-338.

_____. *Igrejas Paulistas: Barroco e Rococó*. São Paulo: Editora UNESP e Imprensa Oficial do Estado, 2003.